Relatório dos mediadores
Tempo em Suspensão

Querida Lia, registramos aqui nossa experiência e alguns relatos feitos sobre a exposição "Tempo em Suspensão" realizada no Museu Nacional da República. Ela teve uma intensa relação entre visitantes e mediadores e foi pautada nas chamadas de atenção e no contato pessoal.

O encontro com o trabalho *Profundo* agia como uma espécie de âncora sutil, segurando transeuntes tanto ao entrar quanto ao sair da exposição. Ela gerava encantamento e frustração. Quase sempre éramos convocados neste momento. "Como isso funciona?", "Qual é o segredo?". Às vezes conseguíamos conduzir o visitante na exposição a partir dessa primeira impressão e às vezes o visitante se fixava ali, e a angústia ficava na ideia de solucionar o mistério do aquário. Todos olhavam para cima, por dentro, em volta (muitos tinham a impressão que a imagem das folhas era projetada por algum tipo de projetor externo). E a pergunta que se repetia era: "Onde estão as folhas?". Para os mais certos e os mais curiosos, nós fazíamos demonstrações colocando um dedo dentro da água. Mostrávamos: "É só água". "Mas se é só água por que as folhas não estão molhadas?" perguntou uma criança. A materialidade das folhas era uma dúvida muito presente nesse trabalho. A maior parte dos visitantes passava mais tempo nessa obra do que em qualquer outra.

"Só vê as folhas por dentro, não por fora"
"As paredes são como cortinas, mas cortinas invisíveis "
"Essa daqui é a mais filézinho eu achei"

Comentários sobre o trabalho *Profundo*

Uma visitante examinou o aquário com cuidado e por muito tempo. Circulou em volta dele, olhou de cima e de baixo. Enfim perguntou como funcionava. Depois de não receber a resposta que desejava, se deu por vencida e continuou a olhar a exposição. Passado algum tempo, reparou no chão de vidro, e exclamou sorrindo: "Eu entendi!".

O chão da casa da artista era outra obra que gerava muito contato entre a mediação e os visitantes. Nós fomos orientados a não permitir que pisassem nas placas de vidro. Era um trabalho exaustivo que demandava muita atenção nossa, uma vez que o chão era da mesma tonalidade do carpete do museu e

a maioria das pessoas não notava o trabalho. Elas circulavam a primeira sala tentando chegar à Seta no chão, à *Caixa do Tempo,* ao *Espaço Alternativo* ou até voltando à *Permanência* e não viam - nem sentiam nos pés - por onde estavam pisando. Foi o que um visitante comentou: "A gente pisa no chão sem ver. Que nem faz com o meio ambiente. Ninguém presta atenção no meio ambiente.".

"Olha mãe, são senhas!"
"Você já ouviu falar naquelas formigas terceiras? Elas escrevem e desenham em folhas. Tem até imagem de Nossa Senhora."

Comentários sobre o trabalho *Tempo Quântico* e foto de desenhos em folhas atribuídas as chamadas "formigas bordadeiras"

Logo notamos que os visitantes se atentavam mais ao nosso olhar do que às nossas palavras. Se a fala é sempre lançada ao futuro[1], talvez o olhar presentifique as coisas. Então aprendemos a avisar com o olho; olhar fixamente o chão para despertar a curiosiodade e o cuidado dos passantes. Os desavisados então percebiam o trabalho, avisavam quem estava próximo e se julgavam quase desrespeitosos por não tê-lo visto antes. "Mas essas folhas são pintadas? Como ficaram douradas?". Era um trabalho admirado, visto como belo. "Isso é azulejo?" foi uma pergunta repetida dezenas de vezes. Se o visitante ainda não tivesse interagido conosco, nós aproveitávamos esse interesse para, novamente, tentar introduzi-lo nos conceitos da exposição. Falávamos da *Caixa do Tempo;* questionando: "O que o chão e o tempo tem em comum?". "São linhas do tempo" uma visitante falou, se referindo aos gravetos colados na caixa.

A delicadeza das colagens era mais um dos pontos elogiados. Quase como um contra-argumento à pobreza material vista na fragilidade das folhas. Os visitantes reconheciam o trabalho meticuloso de conseguir colá-las quando estavam quase se desfazendo e a atenção dada à cada um dos detalhes da *Caixa do Tempo* como qualidades das obras.

"É uma peneira de folhas"

Comentário sobre a colagem de esqueletos de folhas sobre bastidor

Ali, para uma parte do público, o processo finalmente validava a obra como arte. A ideia de uma atividade laborosa e de muito tempo gasto parecia agradar quem ainda estava incomodado com o ambiente. Além disso, também era muito comum cruzarem a primeira sala para ver melhor o *Espaço Alternativo*. Depois de dias de exposição, nós ficamos à vontade para intervir em quem parava e comentar o tamanho do cubo de folhas. As proporções tinham dois efeitos: ou tiravam a pessoa do transe ou provocavam mais ainda quem estava envolvido em uma aura de dúvida. Elas encaravam as cinzas e o cubo com um certo respeito, muitas vezes sem nem reparar no vídeo ao lado. Depois de uma turma de alunas da UnB conhecer a construção deste trabalho, o professor que as acompanhava comentou: "Olha, quando eu morrer eu vou querer a mesma coisa. Uma foto minha e dos dois lados, minhas cinzas!".

"Aqui, olha, uma foto de areia!"
"Aqui ela botou fogo pra chamar ajuda"

Comentários sobre o trabalho *Espaço Alternativo*

Nos surpreendeu a forma como a exposição poderia ser provocadora. Muitos ficavam ofendidos pela utilização das folhas, muitos achavam lindíssimo e muito pediam por explicação porque tinham vontade de entender o que estava acontecendo. Mas todos, sem excessão, ficavam no mínimo confusos com a seta no chão. Ela aparentava apontar na direção do *Tempo da Physis*, que se tornava um alvo com seu aro vermelho circular e sua semente no meio. "Eu entrei pelo lado errado?" perguntavam depois de rodar pela primeira sala. Era desafiador e confusa a direção indicada neste trabalho.

Você sabia que húmus é a origem da palavra humilde?

Comentário de visitante após ser apresentado ao livro recorte do *Epaço-Tempo*

Presente em dois ambientes, o desenho da seta foi, sem dúvidas, a obra mais comentada pelos visitantes. Eram muito comuns comentários como: "Agora, juntar um monte de folha é arte?!", "Oxe! Por que que isso é arte?", "Olha aqui, se eu soubesse que era arte eu tinha juntado as folhas lá de casa.", "Lá em casa isso aqui é lixo e aqui tão dizendo que é arte.".

Outros comentários também chamaram nossa atenção: "Nossa! Achei

que era um túmulo!! (gritou a visitante assustada)", "Parece homem morto/ Tem um bicho aí embaixo (comenta um casal, falando ao mesmo tempo)", "Isso daqui é pra gente perdida! Se constrói pra ser achado", "Essa é a seta que [se] constrói para ser resgatado", "Olha, é uma dica!", "Aqui, a seta termina aqui ó! (comenta uma criança ao encontrar a base da seta)".

Aqueles perturbados pelo material orgânico do primeiro cômodo não pareciam se incomodar com suas representações nas salas seguintes. Era comum respondermos aos questionamentos raivosos sobre a seta apontando que ela começava na outra sala. Neste momento, essas mesmas pessoas não reconheciam mais a folha quando ela estava desenhada. Como no *Espaço-Tempo*.

> *"A minha mãe fazia isso também, como aqui tem o coração, ela também fazia o coração mas menorzinho. Ela desfiava o final e amarrava. Como eu gostava de cor, ela bordava com as linhas coloridas também, fazia florzinhas. Ela usava o saco de açúcar. Botava na parede e guardava. Fazia pra passar o tempo. Isso me lembrou muito ela. Me deu saudade"*
>
> **Comentário sobre as cortinas do trabalho *Espaço-Tempo***

A orientação inicial dada pelo museu era de não permitir o manuseio do livro recorte pelos visitantes. Nossa solução foi abordar quem manuseasse o livro, nos oferecer para manuseá-lo e conversar sobre a obra. Foi com essa experiência que descobrimos ser possível transformar uma ação impositiva e restritiva em algo educativo.

Apresentávamos o livro desta obra como uma história da folha. Ou o que uma criança comentou: a história dos buracos. "Com um coração, uma pimenta.". Esse era um momento narrativo da exposição, passando as páginas e vendo elas cair. Ao final mostrando as cortinas e um convite à atravessa-las. Os visitantes ficavam muito satisfeitos em ouvir essa história. Às vezes aproveitávamos os desenhos recortes para mostrar as gêmeas desenhadas de forma semelhante no trabalho *ANAMARIAHELENA*.

Era um trabalho com a possibilidade da surpresa sempre presente. Mostrar o rosto das gêmeas se tornou uma forma de presentear quem se interessava pelo trabalho. Uma visitante comentou que parecia uma ampulheta. Outros dois visitantes que estavam sendo seguidos pela segurança e eram recém

saídos da prisão, comentaram que ver esses rostos era como olhar as grades na penitenciária. Ficar olhando, tentar enxergar alguma coisa até conseguir dormir.

Mais de uma visitante achou que as sementes de ipê na obra *ANAMARIAHELENA* fossem sementes de Moringa (Figura 1) e ressaltaram como essa semente fazia bem para a saúde. Outra visitante, nesse momento da exposição, se lembrou da Folha Milagrosa (Figura 2) ou Folha da Fortuna. Falou que brincava com ela quando criança, pregando ela na parede e vendo como ela brotava em suas feridas.

Figura 1

Figura 2

Depois do livro, do outro lado das cortinas, a obra *Ecos* extendia a narrativa de movimento e recebeu os comentários "É um eletrocardiograma da folha!" e "Que legal, ela se move sozinha!". Uma visitante viu segmentos da linguagem, como se a sequência de obras até ali fosse uma progressão das formas de comunicação. Enquanto escutava o *Porvir* ela notou "É o escrito e o falado!", se referindo aos traços que lembravam caligrafia da *Ecos* e as frases faladas no vídeo fora da instalação.

Também agíamos muito na entrada do *Porvir,* onde os visitantes, já cuidadosos e tocados pela delicadeza dos materiais, tinham medo de entrar na cortina preta. Muitos paravam para ver o vídeo e em seguida encaravam a cortina por muito tempo, de novo, com ar de dúvida. "Pode entrar aí!" nós falávamos. Às vezes até repetindo a fala do vídeo. "Pode ir".

> *"Pois é! O que que os ETs vão pensar da gente varrendo essas folhas? Pra nada!*
>
> **Comentários sobre o trabalho *Voyager***

Alguns achavam que a plotagem com o escrito "Solo de Marte" era toda a obra. Por isso nós adorávamos fazer esse convite. Surpreender novamente. Mostrar esse desconhecido era quase convidar as pessoas a visitar outro planeta. Muitos reparavam na falta de rigidez do chão. Uma criança muito alegre comentou "O solo de marte é macio!!" enquanto pulava lá dentro. Vários visitantes tiravam os sapatos para entrar nessa instalação. Outros já estavam descalços desde o começo da exposição. "Muito bom, dá pra gente desligar" foi uma das falas.

Tendo em vista que a diferenciação entre a plotagem do solo de marte e a projeção do Deserto do Atacama é uma vontade da artista, nós pensamos duas maneiras de aumentar esse contraste:

· **Diminuir a projeção** para que ela não ocupe toda a parede, fazendo uma margem escura que coloca a paisagem em uma moldura. Diferenciando ela da parede inteira que é estrutura do cômodo, e, por consequência, do chão.

· **Trocar a projeção por um televisor.** Talvez um televisor de tubo, com antenas.

O barulho de água do vídeo chamava o museu todo para a exposição. Era um som ambiente muito agradável, que transmitia calma. Reclamaram da sujeira da praia.

Uma visitante comentou a beleza do Atacama e se lembrou da monumentalidade da Rodovia Pan-Americana, que em uma determinada parte tem o deserto de um lado, e o Oceano Pacífico do outro. Se o *Porvir* falava do futuro, a segunda sala sobre movimento e a primeira sobre história, espaço, permanência e passado; a última sala poderia muito bem estar falando sobre os caminhos em si. Continuidade. Com vários registros de calçadas, trilhas e frases sem começo nem fim. Uma questão recorrente era se as folhas em formato de seta eram recortadas, e como seriam recortadas. "À laser?".

"Essa é a folha mais rara da terra! E essa sereia aqui? Olha essa sereia aqui ó!"

Comentário de uma criança sobre a folha do *Livro da Sabedoria* e em seguida sobre a folha xipófaga da *Escalada*.

Aqui, nós tentamos por muito tempo informar as pessoas sobre a melhor maneira de percorrer a *Escalada*. "Eu quis poupar tempo pulando, mas o tempo não existe!" comentou um visitante após ser advertido para não pular a espiral de britas. Mas essa ação afastava parte dos visitantes da experiência da exposição e tomava toda nossa atenção. Seguimos então o bom senso de falar somente com aqueles que pulavam energicamente e que poderiam danificar o globo central. "É que nem aquela história de dar um passo de cada vez. Se você tentar dar mais de um, pode tropeçar." Falou uma visitante alguns momentos antes de vermos outra pessoa tropeçar ao tentar pular as pedras da obra. Todo

dia consertávamos as britas e colocávamos elas de volta no lugar. Ouvimos comentário comparando a espiral com a espiral da Legião da Boa Vontade, um centro holístico de Brasília, e também com práticas religiosas Vikings que também usavam espirais.

Visitantes com dificuldade de locomoção também tentavam interagir com a *Escalada*. Um cadeirante conseguiu adentra-la um pouco antes de perceber que não conseguiria chegar ao centro. Um outro visitante, que era monocular, foi entrando com sua filha e depois de alguns passos percebeu que não teria orientação para fazer o caminho e teve que voltar de costas. Esse mesmo visitante havia pisado na seta de folhas para, segundo ele, ver a sua profundidade.

A Edite foi acompanhada na exposição inteira, falou que estava com tempo depois que adoeceu com câncer. Tinha trabalhado muito durante toda sua vida e agora estava tirando um tempo pra ela. Passamos pelas cortinas e ela falou de seus bordados com fitas. Fomos falando de vida e morte. No final ela se identificou muito com a obra *DO FUNDO DO RIO, TIREI UMA PEDRA* e falou que gostaria de fazer isso, retirar a pedra que tinha se instalado dentro dela.

Gostaríamos também de comentar a dificuldade das crianças e das pessoas baixas em ver a *Voyager*, o vídeo do *Espaço Alternativo* (por causa da angulação em que estava disposta), a taça do *ANAMARIAHELENA* e a folha no centro da *Escalada*.

Nós agradecemos do fundo do nosso coração pelos contatos que fizemos nesse período. Somos muito gratos pela experiência de mediar essa exposição e foi um grande prazer conviver com seu trabalho por esses meses!

Abraços,
Pedro Seixlack Veloso de Melo &
Wysllen Thayelwisk Custódio Ferreira

[1] Segundo Suely Rolnik na obra *Learning the Language (Present Continuous II)* de Alejandro Cesarco. Disponível em https://vimeo.com/296855284